

O USO DO GÊNERO CRÔNICA JORNALÍSTICA NAS AULAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

Liene Costa¹

1. Introdução

O presente artigo foi desenvolvido a partir de um projeto pedagógico² que propõe o uso do gênero *crônica jornalística* como material alternativo às aulas de leitura e produção textual. O objetivo é contribuir para as práticas pedagógicas do professor de língua portuguesa, apresentando-lhe um instrumento facilitador da aprendizagem, que tem como foco o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual, aspectos fundamentais para a vida do aluno e que possibilitam uma melhor compreensão do mundo por parte deste, auxiliando-o também em sua vida social.

Considera-se, dentro do processo de leitura, a importância da criação pelo leitor de sentidos no texto, vez que o mundo se apresenta pronto para ele. O professor deve auxiliar o aluno a relacionar suas subjetividades às de outros leitores, a fim de que o resultado do processo de leitura não seja falseado e para que este não se encaixe no senso comum.

Um leitor ativo tem como características as competências de argumentar, de posicionar-se em relação a um fato e de produzir sentido. Estas mesmas características devem estar presentes também no processo de produção escrita, uma vez que um bom produtor de textos precisa persuadir o seu interlocutor.

Neste sentido, a crônica jornalística é um gênero que atende às necessidades do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de leitura e produção de texto, pois apresenta características das quais o aluno se apropria por meio do trabalho pedagógico, tais como: a aproximação com a literatura; a estrutura de produção que se assemelha a um texto literário; os elementos ficcionais relacionados a uma história verdadeira e a linguagem próxima ao leitor. Estas são algumas das características que justificam o uso da crônica jornalística em sala de aula, já que o intuito é de que o trabalho pedagógico desta sirva de base para a produção de sentido e da escrita por parte do aluno.

Embora já existam muitos trabalhos sobre o processo de leitura (KOCH; ELIAS, 2011; LOPES-ROSSI, 2012) e que abordam o uso da crônica jornalística nas aulas de leitura e produção escrita, este artigo tem o intento de oferecer mais uma possibilidade de trabalho pedagógico aos professores de língua portuguesa.

2. A leitura, a produção escrita e o gênero discursivo

A leitura começa na vida do aluno mesmo antes dele ir à escola, pois ao chegar ao ambiente escolar já traz consigo muitas leituras que adquiriu em seu meio social. Na trajetória que percorre durante o processo de construção de sentido, ele também se depara com linguagens verbo-visuais que o auxiliarão durante o procedimento de leitura.

Na sala de aula, condições devem ser dadas a ele para levá-lo ao domínio da língua e formá-lo como um leitor ativo, e não passivo como ocorria num passado próximo, quando ler era compreendido como um ato de decodificação de signos (automatismo). Atualmente, considera-se a leitura como um processo complexo. Marcuschi (2008) afirma que o ato de ler

¹ Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (Unitau). Especialista em Língua Portuguesa e Ensino pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte).

² Projeto pedagógico elaborado a partir do curso de extensão Mídia, Leitura e Comunicação pela Universidade de Campinas.

equivale a ler compreensivamente, em outras palavras, leitura e compreensão devem estar aliadas, e esse é o primeiro passo para a produção de sentido.

Para a formação de um leitor ativo e construtor de sentidos é necessário desenvolver sua capacidade reflexiva e crítica para que se torne capaz de incidir e de projetar sentidos e ações. Para tanto, é necessário que este mobilize seu conhecimento de mundo e utilize-se de inferências para compreender o propósito do texto e construir um sentido nele.

Koch e Elias (2007) afirmam que a leitura deve ser uma relação de interação entre texto-autor-leitor onde os sujeitos são atores/construtores sociais que constroem sentidos no texto. Entendem que a leitura é uma atividade interativa, altamente complexa, de produção de sentidos e que, para entender o sentido do texto, é necessário considerar informações constituídas explícita e implicitamente nele. As autoras explicam que:

- a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; e que
- a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor, que deve ser decodificado por um receptor passivo.

As autoras também esclarecem em seus estudos que, durante o processo de leitura, o texto é um evento sociocomunicativo que ganha existência dentro do processo interacional (KOCH; ELIAS, 2011, p. 14). A ideia de interacionismo proposta por Koch e Elias (2001) é a de que os textos resultam de uma atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, os quais organizam suas ações em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. Esta concepção vem de encontro às ideias de Bakhtin, posto que este versa sobre o fato de a linguagem se realizar por meio dos gêneros discursivos.

Os *gêneros discursivos* são, para Bakhtin, conjuntos de textos mais ou menos estáveis que levam em consideração suas funções sociais, as quais determinam as formas que irão ter. Bakhtin (1998) frisa que os gêneros textuais são heterogêneos, *orais* e *escritos*, e indica que existe uma distinção entre eles: *primários* e *secundários*. Os *gêneros primários* são denominados *simples* porque estabelecem a comunicação verbal de forma mais espontânea (um bilhete, um diálogo, uma receita, por exemplo). Os *gêneros secundários* são considerados *complexos* porque, segundo Petroni (2008), aparecem em situações de comunicação cultural mais evoluídas, principalmente por meio da escrita artística, científica e sociopolítica.

A produção escrita é realizada por meio de gêneros discursivos, sendo que é por meio deles que a sociedade se organiza, estando sempre circulando nas situações sociais da vida humana (MARCUSCHI, 2011).

Petroni (2008 apud LOPES-ROSSI, 2002a) considera que um trabalho pedagógico que envolve a escrita de textos exige do aluno um conhecimento prévio das características discursivas do gênero que irá ser produzido. Contudo, é necessário que o aluno se aproprie primeiramente do gênero. Para isso, o professor deve apresentar a leitura de vários textos do gênero a ser trabalhado, no caso a crônica jornalística, objeto da nossa proposta, comentando e discutindo sobre os níveis de conhecimento discursivo e sua organização.

3. A prática de produção textual e a ativação de conhecimentos

Após o surgimento dos estudos da Linguística Textual, o texto passou a ser visto como um processo de planejamento, verbalização e construção. Anteriormente, Koch (2011) afirma que o texto era entendido como uma estrutura acabada, um produto superior à frase.

Por muito tempo as instituições escolares tinham como objeto padrão de ensino, para a produção textual, a narração, a descrição e a dissertação. Petroni (2008 apud Lopes-Rossi, 2002a) comenta atualmente a escola ainda tem centrado o ensino nestes três tipos textuais, delimitando a produção textual. Koch (2011) assegura que a produção textual deve ser uma atividade consciente, criativa e intencional, na qual o falante, em conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal.

A produção do texto não é, portanto, um ato de juntar frases, mesmo que estas sejam muito bem empregadas. A elaboração de um texto é um trabalho artesanal. É uma atividade em que o escritor entra num jogo de vai e volta buscando os conhecimentos armazenados em sua memória, e que foram acumulados durante a sua vida. Koch e Elias (2011) afirmam que tais conhecimentos estão relacionados à língua, ao saber enciclopédico, a práticas interacionais. Vale ressaltar que eles se alteram devido atualização das nossas práticas sociais (KOCH; ELIAS, 2011).

Para a produção de um texto, o aluno necessita do seu conhecimento linguístico, o qual abrange a ortografia, a gramática e o léxico. Esses conhecimentos são adquiridos durante os anos em que ele passa na escola. Seu domínio garante certa credibilidade para o escritor porque evita problemas no plano da comunicação (KOCH; ELIAS, 2011). O conhecimento enciclopédico ou de mundo é outro aspecto importante no ato de produção, pois envolve um conjunto de informações baseadas em conhecimentos que ouvimos falar ou que lemos, ou contraímos em nossas vivências e experiências de vida. Tais conhecimentos muito influenciam no momento da produção de sentido. Também, durante a produção escrita, existem situações nas quais o sujeito utiliza outros textos que vem à sua memória, o que Koch e Elias (2007) chamam de intertextualidade. A intertextualidade se dá quando o produtor do texto recorre a outros textos, ou seja, o discurso produzido remete a outros discursos. Para Bakhtin (1997), todo enunciado responde de uma forma ou de outra, a enunciados anteriores.

Na mesma linha de pensamento, Marcuschi (2008), assevera que o fato produzir um texto é como estar em um jogo coletivo, pois este não é uma atividade unilateral. Para tanto, é preciso que se conheçam suas normas, a área de atuação dos atores, bem como suas funções. Conclui-se, portanto, que a construção de um texto exige muito mais do que juntar palavras ou uma série de frases implica também em agregar a ele conhecimentos.

4. A crônica: definição e características

A palavra crônica vem do grego *chrónos* que significa tempo. É criada a partir de uma situação relacionada ao cotidiano das pessoas. O autor-cronista vai tecendo as circunstâncias do dia a dia apresentando detalhes numa mistura do real com o fictício dentro de uma perspectiva poética.

Pero Vaz de Caminha foi o primeiro cronista da língua portuguesa, ao escrever ao rei D. Manuel sobre a paisagem brasileira; não é de se negar que o texto era mais informativo, mas havia certo entusiasmo do cronista em seu relato. Sá (1985) explica que Caminha recriava com engenho e arte tudo o que ele registrava. Mais tarde, a crônica foi se desenvolvendo e ganhando novas características.

Muitos autores da nossa literatura colaboraram nesse gênero, na forma de crítica social, humorística ou reflexiva. Nomes conhecidos se destacam quando se refere à crônica jornalística, dentre eles: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga e Fernando Sabino.

Ferraz (2007) afirma que a crônica é um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário, vez que se baseia na subjetividade e na visão própria de mundo. Partindo deste pressuposto, o autor-cronista tem a liberdade de enxergar os fatos criando e recriando conforme seus desejos e vontades.

A crônica jornalística é considerada um gênero híbrido por ter propriedades informativas e literárias, sendo que estas duas se encontram na linguagem e dão vida ao texto num processo de construção que envolve de um lado, o jornalista e o fato e do outro, o escritor e a linguagem (FERRAZ, 2007).

Outra característica da crônica são os elementos ficcionais relacionados à história verdadeira. Apresenta-se um grande laço ficcional na construção do texto, baseado na imaginação e idealizado a partir de dados reais, tendo como finalidade chamar a atenção do leitor para alguma questão, utilizando-se de algum tipo de apelo, e estimulando uma reflexão após a leitura. Um aspecto também importante da crônica jornalística é a linguagem muito próxima ao leitor, instaurando-se uma relação dialógica entre os sujeitos.

As características apresentadas podem ser apropriadas pelo aluno, bastando o professor mostrar vários textos do referido gênero para que o aluno consiga identificá-los e, posteriormente, compará-los e diferenciá-lo de outros gêneros.

Após a apropriação do gênero, existe a possibilidade do leitor produzir sentido, apresentar opinião, revelar subjetividades, estabelecer uma visão crítica no momento da leitura, relacionando seu conhecimento prévio às situações apresentadas no texto.

É importante ressaltar que a leitura do texto deve ser realizada de forma espontânea, pois isso fará com que os sentidos provocados pelo texto possam transcorrer de forma natural e o leitor possa envolver-se cada vez mais com as situações apresentadas.

5. Metodologia

Os procedimentos para a utilização da crônica jornalística que poderão ser utilizados em sala de aula dividem-se em duas etapas.

Na primeira etapa, a leitura para a produção de sentido, deve-se apresentar vários textos do gênero crônica jornalística. Em seguida, deve-se dar voz ao aluno para que este possa refletir, argumentar, e conversar sobre o texto. Lopes-Rossi (2012) explica que para os alunos ativarem e ampliarem seus conhecimentos, o professor deve fazer perguntas básicas sobre aspectos sociocomunicativos, tais como:

- a) Quem escreve crônicas?
- b) Que temas podem ser abordados numa crônica?
- c) Qual é o propósito do autor de crônicas?
- d) Por que as pessoas gostam de ler crônicas?

Na segunda etapa, a produção textual, deve-se apresentar um trecho de uma notícia e desenvolver uma crônica jornalística, a qual sabe-se que pode nascer de um fato jornalístico. Seliar (2009) apresenta uma variedade de crônicas que nasceram de uma notícia, mostrando que é possível desenvolver um texto partindo de um acontecimento real e adicionar a ele uma boa dose de ficção.

6. Atividades didáticas

6.1. Para a leitura e produção de sentidos

1. Selecionar uma crônica jornalística;
2. Antes da leitura de texto, orientar os alunos para que durante o processo de leitura assinalem as partes que lhe chamaram atenção. É possível que eles destaquem situações que eles mesmos se identifiquem ou que alguém que conhecem tenha vivido; e

3. Dar voz aos alunos para que eles possam expor seus argumentos, a fim de que se sintam mais à vontade para recontar, relatar, narrar e descrever o que leram, produzindo sentido sobre o texto apresentado.

Foi selecionada para a atividade de leitura a crônica jornalística de Ricardo Azevedo:

Papagaio congelado

*Um dia, um sujeito ganhou de presente um papagaio.
O bicho era uma praga. Não demorou muito, logo se espalhou pela casa.
Atendia telefone.
Gritava e falava sozinho nas horas mais inesperadas.
Dava palpite nas conversas dos outros.
Discutia futebol.
Fumava charuto.
Pedia café, tomava, cuspiam, arregalava os olhos, esparramava semente de girassol e cocô por todo lado, gargalhava e ainda gritava para o dono de casa: "Ô seu doutor, vê se não torra faz favor!"
Uma noite, a família recebeu uma visita para jantar.
O papagaio não gostou da cara do visitante e berrou: "Vai embora, ratazana!" e começou a falar cada palavrão cabeludo que dava medo.
Depois que a visita foi embora, o dono da casa foi até o poleiro. Estava furioso:
– Seu mal-educado, sem-vergonha de uma figa! Estou cheio! Agora você vai ver o que é bom pra tosse.
Agarrou o papagaio pelo cangote e atirou dentro da geladeira:
– Vai passar a noite aí de castigo!
Depois, fechou a porta e foi dormir.
No dia seguinte, saiu atrasado para o trabalho e esqueceu o coitado preso dentro da geladeira.
Só foi lembrar do bicho à noite, quando voltou para casa.
Foi correndo abrir a geladeira.
O papagaio saiu trêmulo e cabisbaixo, com cara arrependida, cheio de pó gelado na cabeça.
Ficou de joelhos.
Botou as duas asas na cabeça.
Rezou.
Disse pelo amor de Deus.
Reconheceu que estava errado.
Pedi perdão.
Disse que nunca mais ia fazer aquilo.
Jurou que nunca mais ia fazer coisa errada, que nunca mais ia atender telefone e interromper conversa, nem xingar nenhuma visita.
Jurou que nunca mais ia dizer palavrão nem "vai embora, ratazana".
Depois, examinando o homem com os olhos arregalados, espiou dentro da geladeira e perguntou:
– Queria saber só uma coisa: o que é que aquele franguinho pelado, deitado ali no prato, fez?*

O autor da crônica jornalística utilizou um fato que poderia ter acontecido na vida humana, em algum momento e lugar: um homem ganhou um papagaio. A partir desse fato, Azevedo criou e recriou situações numa mistura do real com o fictício, descrevendo detalhes em um tom aparentemente cômico.

6.2. Para produção textual

1. Apresentar um pequeno trecho de uma notícia.

Para efeito de exemplificação, retiramos do jornal *Correio Popular*, uma notícia veiculada no dia 18 de novembro de 2013, que pode ser transformada em uma crônica. Foi selecionado um fato sobre a ação de alguns moradores de Hortolândia sobre uma quantidade de açúcar que caiu de um trem.



Figura 1 – Jornal *Correio Popular*, 18 de novembro de 2013, página principal.

2. Após a leitura da notícia, propor aos alunos que produzam um texto baseado a partir do fato apresentado colocando tudo sob o ponto de vista subjetivo; e
3. Orientar os alunos a criar uma narrativa com liberdade, criar e recriar as cenas e personagens, descrever com detalhes o antes e o depois do acontecimento.

Outra proposta didática descrita por Lopes-Rossi (2012) quanto à produção de crônicas é a de que, quando alguma coisa chamar a atenção do aluno, e ele disser: “Eu vi/ouvi tal coisa e fiquei pensando...” tem-se um assunto para uma crônica. O aluno deve relacionar essas lembranças com as cenas que chamaram sua atenção, pois o fato abordado na notícia acima foi elaborado a partir de várias cenas.

7. Conclusão

O desenvolvimento desta proposta se deu por acreditar que os professores têm autonomia para incrementar as aulas de leitura e produção de texto, utilizando-se do gênero crônica jornalística. Para tanto, é necessário que se mantenham atualizados sobre os pressupostos teóricos relacionados ao trabalho com gêneros discursivos no âmbito escolar, bem como sobre as mídias e os textos que estas vêm veiculando. No caso desta proposta, elegeu-se o veículo jornal, por ser um material de fácil acesso e de custo baixo, para ser utilizado em sala de aula.

Frente aos obstáculos diários, o professor não deve esmorecer, pois o resultado vindouro é compensador. Sair da rotina e desenvolver uma nova prática exige tempo e planejamento, por isso, esta pesquisa procurou colaborar para a práxis do professor, trazendo uma ferramenta a mais para ele utilizar em suas aulas: a crônica jornalística como material pedagógico. Acredita-

se que seu uso, quando bem feito, além de colaborar para o desenvolvimento da leitura e da produção escrita dos alunos, amplia a capacidade de reconhecerem os diversos gêneros que circulam na sociedade e, por conseguinte, o conhecimento de mundo deles.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Papagaio congelado*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/>>. Acesso em: 30/01/2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORREIO POPULAR, Campinas-SP, 18 nov. 2013. Primeira página.

FERRAZ, Geraldo G. A escrita de uma crônica. *Revista Língua Portuguesa*, n. 20, São Paulo.

KOCH, I. V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2011.

LOPES-ROSSI, Maria A. Garcia. Leitura de propaganda impressa. In: 6º SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA (SePLA), 2010, Taubaté. Anais.

_____. *Sequência didática para leitura de crônica*. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2012.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística textual: o que é e como se faz*. Recife, UFPE. Séries DEBATES. V1, 1983.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

PETRONI, M. R.; BRESSANI, J. A.; Prática de leitura e produção textual no ensino médio: aperfeiçoando a capacidade de argumentar. In: PETRONI, M. R. (Org.). *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias que os jornais não contam: crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.